



ELEIÇÕES

Lula e Alckmin pedem união pela democracia

No lançamento da pré-campanha, ex-presidente se compromete com recuperação da soberania e pilares do estado de direito

» VICTOR CORREIA

Fotos: Nelson Almeida/AFP

No evento que marcou oficialmente a entrada do PT na corrida ao Palácio do Planalto, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva deixou claro aqueles que serão os motes da sua campanha, ao lado do ex-governador Geraldo Alckmin: a recuperação da soberania nacional, a restauração dos pilares democráticos e a retomada econômica. O petista também reforçou a polarização política e fez um aceno aos jovens.

Lula deixou de lado o improviso com que costuma eletrizar plateias e leu, por 47 minutos, um discurso meticulosamente elaborado. Mas não foi por acaso que o termo “soberania nacional” apareceu 26 vezes no texto. “O artigo 1º da nossa Constituição enumera os fundamentos do Estado Democrático de Direito. E o primeiro fundamento é justamente a soberania. No entanto, a nossa soberania e a nossa democracia vêm sendo constantemente atacadas pela política irresponsável e criminosa do atual governo”, afirmou.

Para o petista, será preciso promover uma grande concertação na sociedade “para que ninguém nunca mais ouse desafiar a democracia, e para que o fascismo seja devolvido ao esgoto da história”.

No ataque, e sem citar o presidente Jair Bolsonaro (PL), classificou-o como alguém “que tenta mascarar a sua incompetência brigando o tempo todo com todo mundo, e mentindo sete vezes por dia”. Lula salientou, ainda, que é visceralmente contrário ao estímulo dado pelo presidente para que a população ande armada e se insurja contra a Constituição.

“Não somos a terra do faroeste, onde cada um impõe a sua própria lei. Não! Temos a lei maior que rege a nossa existência coletiva”, destacou, reforçando não ter rancor por ter sido aliado do processo político em 2018, quando foi preso.

Porém, esses não foram as únicas críticas feitas a Bolsonaro. O ex-presidente enfatizou a crise econômica, a disparada da



Petista lembrou que, com Bolsonaro, o Brasil voltou ao mapa da fome e convive com a inflação em disparada

inflação e o retorno do Brasil ao mapa da fome. A gestão da pandemia de covid-19 também foi apontada como mais um exemplo da inépcia do atual governo.

“Não é digno desse título o governante incapaz de verter uma única lágrima diante de seres humanos revirando lixo em busca de comida, ou dos mais de 660 mil mortos pela covid”, disse.

Como era de se esperar, Lula comparou números obtidos nos seus mandatos e nos da ex-presidente Dilma Rousseff para mostrar que, com Bolsonaro, houve uma série de retrocessos. “Triplamos os investimentos em educação, que saltaram de R\$ 49 bilhões, em 2002, para R\$ 151 bilhões, em 2015. Mas o atual vem reduzindo os investimentos a cada ano”, destacou.

Plano externo

A relevância do Brasil no plano internacional é mais um tema que Lula pretende inserir na

campanha para criar um termo de comparação Bolsonaro na área externa. Por isso, ressaltou a desconfiança com que o país é visto atualmente e que, se eleito, retomará o fortalecimento de instituições multilaterais das quais o Brasil faz parte.

O pré-candidato do PT também deixou evidente que pretende demarcar uma linha em relação ao atual governo quando defendeu as estatais — que a atual equipe econômica se empenha para que sejam privatizadas, como é o caso da Eletrobras. Para Lula, a venda da distribuidora e geradora de energia é “um crime” e significaria, também, a perda de outras empresas como Chesf, Furnas, Eletronorte e Eletrosul, além da autonomia brasileira no setor energético, segundo ele. Para o ex-presidente, pelas estatais passa a soberania nacional.

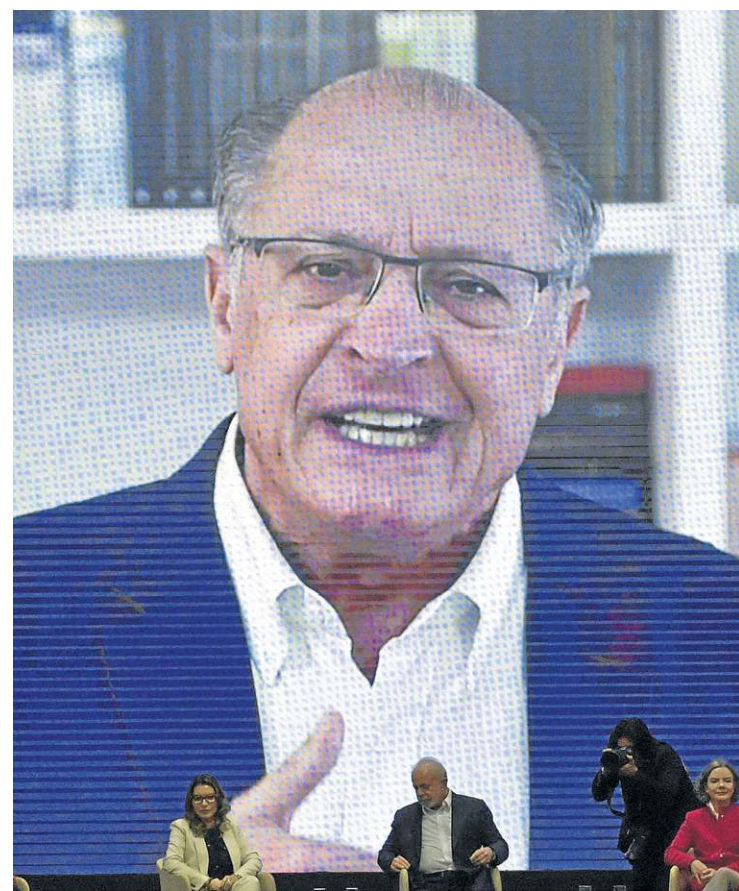
“Defender nossa soberania é defender a Petrobras, que vem sendo desmantelada dia após dia. O resultado desse desmonte

é que somos autossuficientes em petróleo, mas pagamos por uma das gasolinas mais caras do mundo, cotada em dólar”, afirmou.

Desagravo

Cercado não apenas por petistas, mas por representantes de outras legendas — além de PSB, PV, PCdoB, PSol, Rede e Solidariedade, marcaram presença em emissários também de MDB, o PSD e Avante —, Lula aproveitou para fazer um desagravo a Dilma, mas, elegantemente, comunicou que ela não estará em um eventual futuro governo — “não caberia em um ministério por sua grandeza”.

Lula foi homenageado com um vídeo, apresentado pela futura mulher, a socióloga Rosângela da Silva, a Janja, em que artistas cantam uma nova versão da música *Sem Medo de Ser Feliz*, lançada no segundo turno da campanha de 1989, quando concorreu pela primeira vez à Presidência.



Ex-governador tentou acalmar setores do PT que resistem à sua presença

Discursos dão boa impressão

Os discursos de Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin, no lançamento da pré-candidatura da chapa de ambos à Presidência, agradaram aliados e especialistas devido ao tom moderado do petista e pela sintonia total demonstrada pelo ex-governador. Inclusive, para eles, marca uma virada de página em relação a alguns episódios protagonizados pelo ex-presidente, que causaram mal-estar e deram a entender que Lula perdera a embocadura para fazer política. O senador Fabiano Contarato (ES), pré-candidato do PT ao governo capixaba, disse que “a luta do PT é pelo resgate civilizatório”. O também senador Humberto Costa (PT-PE) comentou a mudança visual da campanha de Lula, que, agora, usará mais as cores da bandeira brasileira e menos o vermelho associado ao partido.

O governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB), destacou que “Lula, com toda sua experiência, vai ter, com certeza, o apoio do povo brasileiro, e o PSB vai contribuir muito”. O senador Renan Calheiros (MDB-AL), que lidera a ala do partido que defende apoio a Lula, afirmou que o ex-presidente “colocou as coisas no lugar, reforçou a união dos democratas e mostrou que é possível dar a volta por cima”.

O cientista político André Rosa viu como acertado o arrefecimento das críticas à Operação Lava-Jato, com Lula afirmando que “não nasceu para ter ódio”. “Ele desconstruiu a Lava-Jato seria muito ruim, porque muitos eleitores se identificaram. (Lula) não descarta os eleitores que apoiam a Lava-Jato”, observou, salientando a complementariedade dos discursos de ambos.

O cientista político Nauê Bernardo também considerou acertado o tom adotado por Lula. “Ele tende a trazer um conteúdo (de campanha) menos agressivo na tentativa de mostrar equilíbrio, que parece ser um dos atributos que contribuirão para a decisão do eleitorado”, afirmou. (VC)



Nossa soberania e a nossa democracia vêm sendo constantemente atacadas pela política irresponsável e criminosa do atual governo”

Luiz Inácio Lula da Silva

“Mesmo que muitos discordem da sua opinião de que Lula é um prato que cai bem com chuchu, que acredito venha ainda a se tornar um hit da culinária brasileira”

Geraldo Alckmin

“Não somos a terra do faroeste, onde cada um impõe a sua própria lei. Não! Temos a lei maior que rege a nossa existência coletiva”

Luiz Inácio Lula da Silva

“Vamos provar que não há incompatibilidade entre a prosperidade individual e uma sociedade solidária. Vamos provar que a eficiência econômica e a justiça social não são coisas opostas”

Geraldo Alckmin

Culinária política: “lula com chuchu”

Impossibilitado de participar presencialmente por ter contraído covid-19, o ex-governador paulista Geraldo Alckmin (PSB), vice na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva, fez um discurso que ao mesmo tempo que foi considerado incisivo, teve um inesperado toque de bom humor. Propôs que, em outubro, o eleitorado arrisque provar uma inovação gastronômica: o prato “lula com chuchu”.

“Mesmo que muitos discordem da sua opinião de que Lula é um prato que cai bem com chuchu, que acredito venha ainda a se tornar um hit da culinária brasileira”, brincou Alckmin, fazendo ironia com o apelido que recebeu do petista de “picolé de chuchu” devido ao estilo pouco descontraído do ex-governador paulista de fazer política.

Mas à parte a proposta de que os brasileiros cedam a uma inovação culinária, Alckmin deixou evidente a razão pela qual está na chapa do petista: tentar

trazer os votos de setores da sociedade que torcem o nariz para Lula. Por causa disso, fez questão de enfatizar que a diferença de visões econômicas entre eles não são antagônicas, mas complementares.

“Vamos provar que não há incompatibilidade entre a prosperidade individual e uma sociedade solidária. Vamos provar que a eficiência econômica e a justiça social não são coisas opostas, não permitir que essa falsa dicotomia restrinja a política a um eterno confronto entre liberdade e igualdade”, propôs.

Não à toa, Alckmin deu ênfase à atual estagnação econômica, com direito a críticas ao governo. “Esse lado é o lado dos brasileiros que sofrem; dos que perderam seu trabalho, sua renda; dos que viram suas economias desaparecerem ou diminuir. Do lado dos brasileiros que estão inconformados com a incompetência dos que hoje conduzem o país, com a divisão social, com o

reiterado desperdício de chances e oportunidades que poderiam permitir ao Brasil alcançar a sua posição de grandeza no mundo”, apontou.

Alinhamento

Alckmin aproveitou para tentar acalmar setores do PT que ainda não superaram o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff — e que consideram que o ex-presidente Michel Temer trabalhou para derubar-la. Deixou evidente o alinhamento com Lula ao agradecer-lhe e que está na chapa com o objetivo de ajudar na construção de um eventual mandato presidencial.

“Números diferentes, quando somados, não diminuem de valor. Pelo contrário, elevam a sua grandeza. Essa lógica aplica-se também à política. Disputas fazem parte do processo democrático. Mas, acima das disputas, algo mais urgente e relevante se

impõe: a defesa da própria democracia”, observou.

“Pensemos nas disputas do passado e pensemos na união de hoje. O que é que mais importa? O que mais importa, eu lhes respondo, é aquilo de que o Brasil precisa”, complementou.

Além de exortar os partidos que compõem a aliança em torno dele e de Lula, Alckmin disse que, caso a chapa saia vencedora das eleições de outubro, será preciso a mesma união que foi vista no lançamento, ontem, da pré-candidatura.

“É o que vemos acontecer aqui, hoje, entre PT, PSB, Solidariedade, Rede, PV, Pcdob e Psol, além de valorosas lideranças políticas, das mais diversas convicções ideológicas, que aqui comparamos, patriótica e corajosamente, independente da presença institucional de seus próprios partidos, para dar ainda mais força e representatividade à nossa união no cumprimento da nossa missão”, afirmou. (VC)